

PROJETO DE PROGRESSÃO DE CURSO (versão não concluída)

Universidade Federal de Minas Gerais - Graduação em Filosofia - Thiago Luiz

Meu intuito nas seguintes linhas é apresentar um projeto pedagógico a partir da análise do texto *República de Aristocles* (2025) utilizando o conceito de *Etnografia Literária* de André Gouvêa Andrade (2025). Este texto não tem nenhum compromisso com as formatações acadêmicas que até então creio ter aprendido na graduação de Filosofia na UFMG. Os motivos serão melhor evidenciados ao longo deste.

Pronto vai. Como se fosse em um diálogo cara-a-cara. Vou buscar as referências em minha memória e tentar de forma mais clara e auto-honesta possível. Aproveito o momento para creditar todas as pessoas responsáveis por me transmitir seus conhecimentos sobre as respectivas áreas de competência [adendo: estranho “seus conhecimentos”; preferível “o conhecimento de vocês”].

Primeiro, o título. “República de Aristocles”. Aristocles nada mais é do que o nome do filósofo grego que designamos vulgarmente como Platão. “República de Platão” é um dos livros que trabalhamos em sala na disciplina do professor Fernando Rey Puente. Em uma de suas aulas, lembro de ser mencionado que, talvez, o que Platão poderia ter visado ao escrever essa obra é justamente tê-la como certo um projeto pedagógico. Por meio de seus diálogos, dentre os quais, “Politeia”, Platão pode vir a ter pretendido ensinar aos leitores que, por mais árdua que seja a tarefa, não devemos nunca recuar. Ele pretendia, de forma figurada, por analogia, que o humano que se libertasse das amarras que o prendia na caverna voltasse à caverna para dizer aos seus irmãos e irmãs sobre o Sol, por mais que arriscasse ser taxado de louco ou pior. Platão não tinha interesse no Sol. Usou uma figura de linguagem para tentar falar sobre o pai do Sol, o Bem. Platão sabia que era estatisticamente improvável. Mas, mesmo assim, ele não pecou em tentar. O que visio com este texto é tentar algo mesmo achando que vai falhar. Pois não é sobre chegar lá, mas sim sobre o caminho que você percorreu e sobre as pessoas que você encontrou no

caminho. Para mais informações, vos remeto à letra da música de Ana Vilela, Trem-Bala de 2017.

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós
É saber se sentir infinito num universo tão vasto e bonito
É saber sonhar
E, então, fazer valer a pena cada verso
Daquele poema sobre acreditar
Não é sobre chegar no topo do mundo
E saber que venceu
É sobre escalar e sentir
Que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo
Em todas as situações
A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim
Por isso, eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe
Pra perto de mim
Não é sobre tudo que o seu dinheiro
É capaz de comprar
E sim sobre cada momento
Sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr
Contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera
A vida já ficou pra trás
Segura teu filho no colo
Sorria e abraça teus pais

Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Segura teu filho no colo
Sorria e abrace seus pais
Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

Lembro também de, talvez, ter sido mencionado em uma de suas aulas que a Filosofia e a Literatura (aqui no sentido de texto não acadêmico) fazem referência ao mesmo objeto de estudo, a Realidade. A diferença entre o filósofo e o literata estaria no fato de que o primeiro partiria do conceito geral na tentativa de abarcar o particular, enquanto que o segundo evidenciaria o particular para dar conta de algo mais elevado (em sentido topológico e não topográfico). Algo esse que os Românticos do movimento literário inspirado no Idealismo Alemão também tentavam abarcar. Segundo aula do professor Vitor Lima do Núcleo de Formação Filosófica sobre o tema (parte inicial do curso “Do Iluminismo aos Marxismos”), os românticos sabiam que o Absoluto é inabarcável, mas mesmo assim se propunham a olhar em direção ao infinito, que, nas palavras de Renato Russo, “é um dos deuses mais lindos” (Música “Quase sem querer” - 1986). O quadro seguinte, de Caspar David Friedrich (1818), mostrado pelo professor Vitor Lima no âmbito de sua aula, ilustra o que venho de descrever:



Feitas as explanações iniciais e titulares, partamos para análise da conjuntura da obra. *República de Aristocles* é o título principal de um documento que apresenta em seu interior cinco outros pequenos textos, ou textículos, como o autor gosta de brincar. Abaixo do título principal, há um resumo da obra: “Eis.” Esse advérbio denota ato e, como se encontra solo, denota ato-puro. Atenção aos detalhes, pois, como meu professor de fundamentos de literatura grega, Teodoro Rennó, bem lembrou, são neles que habitam Deus e o diabo. Ele começa com letra garrafal e termina com ponto final, ou terminal. A garrafidez nos diz o teor de importância daquilo por quem o escreveu; seria diferente se tivesse sido escrito: “EIS.” por exemplo. O ponto significa que a frase é completa nela mesma, ou seja, é finita. Se é melhor ou pior ser finito ou infinito, não entrarei em méritos por ora. Essa mensagem, para um bom entendedor, já basta. Mas como não somos todos bons entendedores ainda, precisamos do texto que segue.

Sobre os textículos seguintes, os temos em cinco. Cada qual é precedido por um título que coordena na totalidade o sentido da obra de forma concatenada. O fato do

título estar marcado em letras garrafais e em negrito, denota ainda mais sua importância. Para um bom entendedor, como você já deve ter entendido, já bastaria. Mas não somos bons entendedores ainda, calma, jovem. Partamos, em primeiro momento, para uma análise dos textículos um a um e, depois, retornaremos para uma análise global.

O primeiro deles, *Manifesto dos Oucos*, começa com: “nao somos loucos nem ocos, nós somos oucos!”. Primeiro, percebemos que o autor não se preocupa em acentuar as palavras e nem de colocar as letras, ou letra, garrafal como sugere a norma culta padrão. Disso podemos inferir que, talvez, ele esteja com fome. Fome de quê ainda não podemos dizer ao certo. Ou talvez tenha escrito de um aparelho celular sob um aplicativo de bloco de notas, que não possui correção ortográfica automatizada. O que podemos, por ora, aferir é que ele visa criar uma nova categoria para os então chamados “loucos”, pois ele mesmo se diz não ser louco - aqui no sentido de Michel Foucault de que a loucura é socialmente construída e mantida - nem oco - aqui no sentido de que ele não é vazio de palavras em seu interior. Ademais, o título já mostra o teor do primeiro textículo, trata-se de um manifesto, um manifesto dos oucos. Ao se manifestar, a oucura, enquanto conceito adquire categoria ontológica real, ela passa a ser.

Na sequência, “conservem vosso iphone hasta que a bateria deste aguente. não comprem um novo, já basta o que há.” percebemos a clara intenção do autor em manter todas as letras em não-garrafais. A oucura, portanto, atrelada à não capitalidade (ou garrafez) da letra se mostra contrária aos anseios neoliberais hodiernos. Isso fica evidente na menção ao “iphone”, que, desde 2007, se configurou em símbolo supremo dessa fase do modo de produção capitalista. O autor, também, não se diz contrário às tecnologias como um todo, pois poderia muito bem ter dito: “queimem vossos iphones”, mas não o fez. Disse, no lugar, para conservá-los, até que a obsolescência programada cumpra sua função por excelência. Nada obstante, a oração deixa claro que o que há, sejam iphones ou qualquer outro bem de consumo superfluável, já nos são suficientes, que nosso modo de produção já é capaz de atender às demandas humanas. Devemos, portanto, nos concentrar em direcionar nossa força produtiva para atender à lógica do uso e não da troca. Em outras palavras, o luxo deve virar lixo quando obsoleto,

enquanto que a nova produção deve atender às necessidades básicas humanas: alimentação, moradia, educação, lazer, ordenada por esta ordem decrescente de prioridade.

Mais adiante temos o *Parem de se matar*. Aqui, temos uma advertência tanto individual quanto coletiva. Enquanto indivíduo, devemos parar de pensar no auto-extermínio, ou seja, no ato de tirar a própria vida. Sempre achei curioso o termo corrente ser “suicídio”, pois parece morte dos porcos. Em algum grau, o ser humano, para chegar ao ponto de tirar a própria vida, deve estar certamente afastado de sua essência mais interna, pois somos seres vivos e animados - contendo tanto alma quanto animação. Não deixemos nos tomar por esse tipo de desequilíbrio, pois, na interpretação do médico grego Hipócrates, a bile escura (*melas-kholis*), que seria a responsável por nos despertar a melancolia e mais outros distúrbios, é necessária em dose certa para a boa manutenção da vida. Mais tarde no Medievo tardio, o humanista florentino Marsilio Ficino vai redefinir a cor dessa substância como sendo transparente. Ela, quando bem dosada, seria importante para comunicar-se com anjos, porém, em determinadas condições, ela se queima, atingindo tonalidade negra. Enquanto coletivo, pode ser interpretada como extermínio de uns pelos outros, seja por genocídio ou não. De todo modo, a morte deve ser algo natural e não forçado pelo ser humano.

Quanto ao conteúdo, o textículo discorre sobre usos ou modos da palavra “foda”. Não irei repeti-lo aqui, pois é auto-explicativo. Basta ater-se à forma, novamente letras garrafais foram excluídas, denotando o caráter anti-capitalista e anti-neoliberal do texto. Por fim, “mas resta saber se o inverso de foda é dafo ou adof.” nos mostra que o problema do desentendimento permanece, uma vez que as duas formas de inversão são semanticamente possíveis. Não podemos deixar de notar alguma semelhança com a última inversão com o nome de um dos mais conhecidos e detestados nomes do século XX, adolf. O autor pode ter dado sorte de casualmente acontecer assim, porém, talvez, não. Adolf hitler foi o chefe do estado nazista, que tinha projetos racistas e expansionistas para a Alemanha da época. O autor demonstra clara intenção de não deixar permitir erros do passado, pois, conquanto a história não se repita, ela rima. Manter viva a memória nos ajuda no reto caminho rumo à supressão.

Em terceiro lugar, temos *Ciência Míope*. Aqui, o autor faz um apelo, evidenciando o caráter fatídico dos rumos que a ciência nos últimos anos tem tomado. “A” não; “As” ciências. Pois não existe uma somente. Todo bom cientista sabe muito bem que existe uma pletora de campos científicos, cada um com o seu método e critério de avaliação próprios. Cada um é válido em seu âmbito por excelência, devendo ser respeitado; coisa que parece ter sido jogado em desuso, pelo menos, no senso comum. Os cientistas, que outrora eram respeitados, já não mais o são; a filosofia que o diga. Cabe ressalva que filosofia não é ciência, do contrário o prédio em que tive aula não se chamaria “Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas”. Porém, Filosofia é a mãe e mão das ciências, e já passou da hora de mãe botar ordem na casa. Mão, pois é ela que se pergunta sobre as perguntas, de quais e de porquê devemos concentrar nossos esforços em tal ou tal área. Cabe ressalva que, nos dias atuais, a transversalidade é o que tem ditado os rumos do conhecimento acadêmico e, portanto, cada curso é válido se feito em comunhão com os demais. O textículo clarifica que os meios acadêmicos, com critérios avaliativos que seguem a mesma lógica do meio empresarial, já não nos bastam; são justamente contraproducentes. A maneira de escrever quase que hieroglífica, nada mais faz do que selecionar quem pode ter acesso àquele conhecimento, a depender do grau de escolaridade prévio. Já basta. Escrevamos sim, poesias para os mais eruditos, porém, se não for seguido de uma explicação para aqueles que se interessaram porém não detém tal robustez linguística, somente ela, é manca. E não precisamos de um Dr. House em série de televisão estadunidense em carne viva aqui no Brasil.

Mais adiante temos: “Não podemos continuar já crendo que a ciência é o Deus que um alemão matou, porque ela nem sequer é uma!”. O autor evoca Friedrich Nietzsche, em uma clara referência ao bordão de internet: “Deus está morto” para justamente descreditá-lo. É claro que Nietzsche não estava falando literalmente, porém um grande número de pessoas não se deu o tempo nem a vontade de entender o que ele quis dizer, sendo já isso suficiente para várias pessoas se identificarem como ateias. A ciência da época, por assim dizer, “tomou” o lugar que antes Deus ocupava, no que diz respeito a pedra edificadora no conhecimento. Antes as pessoas tinham fé em Deus (ou no Deus da Instituição Católica), depois, passaram a crer cegamente na ciência. Pois vos digo, as ciências não enxergam

bem de longe. Basta ver a Teoria do Caos e seu Efeito Borboleta. Óbvio, aqui, estou falando vulgarmente, como se estivesse escrevendo para um internauta comum. O que quero dizer é que uma ligeira alteração nos dados iniciais pode levar a resultados completamente adversos. Isso constitui um caráter ao menos míope das ciências, que elas apenas conseguem ter uma precisão razoável quando o “fato” está bem delas cerca.

Nas orações seguintes, o autor faz uma joca, ou piada, justamente para evocar o caráter risível que tudo isso pode vir a ter. Ele termina dizendo que a fé é um mistério, e que nós humanos não devemos tentar assumir papel de deuses, uma vez que somos apenas mortais. Uma possível resolução esfingeana poderia vir a ser de preocupar-nos em resolver um problema de cada vez, agir localmente, deixando Deus no comando do que se encontra no global, no longo prazo, no fim da estrada. Talvez o encontraremos por aqui ou acolá no caminho, mas será sempre para que nos lembremos de nossa condição humana.

Quartamente, temos: *Aposta do desejo enamorado da Vontade*. Não me delongarei o tanto quanto deveria neste tópico, pois não creio estar ainda pronto para entender o que o autor entende por cada um desses vocábulos. Minha interpretação é de que “Aposta” se deve justamente a uma tentativa de explicar, um depósito de fé, uma aposta. “Desejo” se refere a uma vontade de curto prazo, algo efêmero, passageiro. Quase como uma vontade infinitesimalmente ínfima no tempo. Esse amor o qual ele se refere é o mesmo amor que os gregos tinham pelo conhecimento, *filia*. Favor não confundir catraca de canhão com conhaque de alcatrão. Devemos saber separar o joio do trigo, como bem dizia Jesus Cristo de Nazaré. A Vontade, por sua vez, é o que nos guiará pelos campos da sapiência, da sabedoria. É algo que perdura no tempo, porquanto está além dele. Está no âmbito do *nous* e não no da *dianoia*. É um conhecimento instantâneo e não discursivo. Inteligido e não concatenado.

Por fim mas não menos importante, o autor brinca de conversar com mortos. Não literalmente nem figurativamente, mas de maneira lateral. Essa nova figura de linguagem nos permite entender o mundo de uma nova maneira. Maneira ou forma essa que não colapsa a função de onda da mecânica de partículas. É o campo da indeterminação passageira. Quase como em um jogo de futebol quando a bola

passa das quatro linhas. Se a linha lateral for a linha de um dos goleiro, este a remete em campo com os pés. Se for nas demais linhas laterais, um dos demais jogadores périanos - que jogam com os pés - lhe remetem de novo com as mãos. E jogo que segue. O que importa é não deixar a bola parada, pois não é esse o espetáculo que a torcida veio assistir. O autor finda, ou termina, retomando o apelo contra as práticas neoliberais, mostrando desta vez o contexto da economia política brasileira, em que alguns agro-exportadores se beneficiam de políticas fiscais para levar soja aos demais países, sendo que recompramos os produtos dela derivados sob um preço exorbitante. É uma crítica ao modo de produção primário e primata que temos hodiernamente aqui, em que os mais prejudicados são as e os que nunca tiveram ou quiseram ter nada com isso. Imagina se essas e esse se organizassem? Ia ser do car alho! (risos).